

ESTRATÉGIAS



O modelo climático brasileiro

Um *workshop* realizado na FAPESP no dia 19 de fevereiro apresentou os primeiros resultados de simulações feitas com o Modelo Brasileiro de Sistema Terrestre, um programa de computador pioneiro no país capaz de projetar cenários climáticos a partir de dados coletados no Brasil (ver Pesquisa FAPESP nº 177). Segundo Paulo Nobre, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e um dos coordenadores do projeto, o desenvolvimento do novo modelo já possibilitou melhorar, por exemplo, a previsão de precipitação. “Houve um aumento generalizado da melhoria da previsão tanto de temperatura da superfície das águas do Atlântico Sul como da América do Sul”, afirmou. Outro resultado

foi a constatação de que o desmatamento da Amazônia aumenta a possibilidade de ocorrência de El Niño (fenômeno caracterizado por um aquecimento anormal das águas superficiais no oceano Pacífico tropical, capaz de afetar o clima regional e global). “Este foi um resultado que o modelo verificou mesmo sendo uma versão preliminar, de baixa resolução”, disse Paulo Nobre. O modelo está sendo desenvolvido por pesquisadores de diversas instituições, integrantes do Programa FAPESP de Pesquisa em Mudanças Climáticas Globais, da Rede Brasileira de Pesquisa em Mudanças Climáticas Globais (Rede Clima) e do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Mudanças Climáticas.

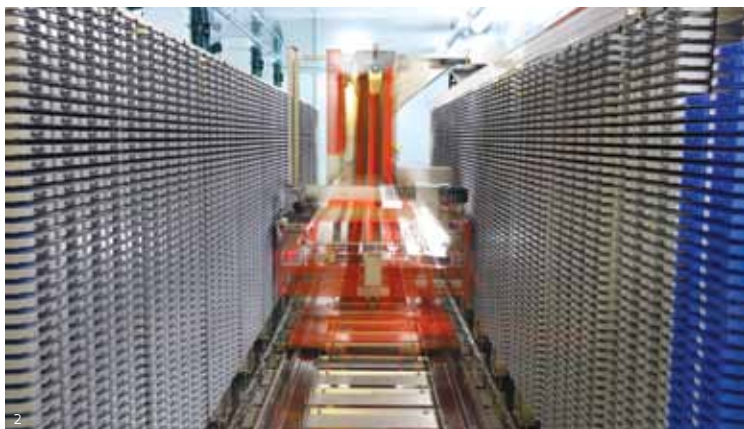
USP homenageia Brito Cruz

O diretor científico da FAPESP, Carlos Henrique de Brito Cruz, foi agraciado no dia 21 de fevereiro com a Medalha Armando de Salles Oliveira da Universidade de São Paulo (USP). A entrega foi feita pelo reitor da USP, João Grandino Rodas. A medalha é a mais alta honraria da instituição e busca homenagear pessoas, entidades e organizações com contribuições marcantes para a valorização da USP. Em seu discurso de agradecimento, o diretor científico da FAPESP ressaltou a importância da ciência paulista e o papel da Universidade de São Paulo como grande universidade de pesquisa do país. “Cientistas do estado de São Paulo fazem mais ciência do que cientistas

do México ou de qualquer outro país da América Latina. A dimensão da atividade científica no estado de São Paulo é uma dimensão praticamente nacional. É uma alegria e uma satisfação fazer parte dessa atividade e ter tido a sorte de estar em algumas posições em que pude contribuir para o seu desenvolvimento”, afirmou. Nascido em 1956, Brito Cruz é professor no Instituto de Física Gleb Wataghin da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Entre as funções que desempenhou, destacam-se a de diretor do Instituto de Física Gleb Wataghin (1991 a 1994 e 1998 a 2002), pró-reitor de Pesquisa da Unicamp (1994 a 1998), reitor da Unicamp (2002 a 2005) e presidente da FAPESP (1996 a 2002).

O diretor científico da FAPESP: Medalha Armando de Salles Oliveira





Parceria público-privada por novos medicamentos

Sete companhias farmacêuticas – Bayer, AstraZeneca, Sanofi, Lundbeck, Merck KGaA, UCB e Janssen – uniram forças com instituições científicas num projeto de € 196 milhões, cujo objetivo é a descoberta de novos medicamentos. A iniciativa foi batizada de European Lead Factory e será sediada em duas fábricas desativadas da Merck, uma na Holanda e outra na Escócia. As empresas farmacêuticas vão fornecer pelo menos 300 mil compostos químicos de suas coleções. Apostam na possibilidade de impulsionar a inovação

farmacêutica, utilizando robôs para testar a atividade biológica dos compostos. Universidades da Alemanha, Reino Unido, Dinamarca e Holanda participam da iniciativa. “Se funcionar, poderá fornecer um novo modelo para operar a pesquisa de medicamentos”, disse à revista *Nature* Jörg Hüser, diretor da Bayer em Wuppertal, Alemanha. Trata-se de uma parceria público-privada. A União Europeia vai contribuir com € 80 milhões, enquanto os demais € 116 milhões virão das indústrias e de governos regionais.

Coleção de compostos químicos da Merck: robôs vão pesquisar atividade biológica

Muita promessa, pouca ação

Os 57 Estados membros da Organização para a Cooperação Islâmica (OIC) foram duramente criticados por pesquisadores e membros do comitê de ciência e tecnologia da própria instituição, o Comstech. As reclamações tinham como alvo um comunicado, aprovado numa reunião de cúpula da OIC no Cairo, no mês passado, em que os países membros comprometeram-se, como de costume, a aumentar os recursos investidos em ciência, encorajar parcerias com o setor privado em pesquisa e desenvolvimento e apostar em novas tecnologias. Não que os críticos discordem. Eles só não acreditam que a

disposição seja real. “São sempre as mesmas resoluções vazias que nunca vêm acompanhadas de qualquer ação concreta”, disse Atta-ur-Rahman, ex-coordenador-geral do comitê, à agência *SciDev.Net*. “Os Estados membros aprovam, a cada ano, orçamentos de US\$ 15 milhões para programas do comitê científico, mas a soma de suas contribuições não chega nem a US\$ 1 milhão”, afirmou. Segundo Mohammed Ali Mahesar, assistente do atual coordenador-geral do Comstech, verbos como “estimular”, “encorajar” e “aconselhar” são sempre usados nas resoluções da OIC, porque não geram obrigações.



O físico recebeu o Zayed Future Energy Prize, na categoria Lifetime Achievement

Goldemberg é premiado em Abu Dhabi

O físico José Goldemberg, que já foi ministro da Educação, secretário Nacional do Meio Ambiente e reitor da Universidade de São Paulo (USP), ganhou o Zayed Future Energy Prize na categoria Lifetime Achievement, concedido a profissionais de destaque na área de energia renovável. O prêmio, no valor de US\$ 500 mil, foi entregue em Abu Dhabi, capital dos Emi-

rados Árabes Unidos (EAU). Este é o quinto ano em que o prêmio é concedido pela fundação criada pelo filho do xeique Zayed bin Sultan Al Nahyan, um dos fundadores dos EAU. Nos outros anos, disse Goldemberg, foram laureados trabalhos em energia fotovoltaica e eólica e em conservação de energia. “É a primeira vez que eles premiam alguém cujo trabalho

principal foi em bioenergia”, disse o físico à *Agência FAPESP*. Uma de suas principais contribuições foi a formulação do conceito de salto tecnológico aplicado à energia, segundo o qual os países em desenvolvimento podem adotar estratégias sustentáveis sem precisar repetir o caminho de alto impacto ambiental trilhado pelos países ricos.